Apresentação

José Leonardo Tonus

A alteridade constitui, sem dúvida, um dos fenômenos mais estudados e um dos conceitos mais empregados pela filosofia, pela psicanálise, pela sociologia e pela crítica literária em geral (Ouellet, 2007, p. 7). Trata-se, igualmente, de uma das noções mais polissêmicas e controvertidas dos últimos tempos. Suas diversas acepções, leituras e aplicações teórico-pragmáticas são uma prova significativa do espaço que o debate sobre alteridade ocupa em nossas sociedades globalizadas, bem como de seus impasses e contradições epistemológicos: por um lado, a hipervalorização da diversidade a partir do pressuposto eufórico e consensual do diálogo entre culturas; por outro lado, sua cooptação por discursos humanistas de caráter universalisantes e unanimistas. Em ambos os casos, a experiência da alteridade restringe-se a uma encenação projetiva do "Mesmo", que os procedimentos de alegorização ou de representação mimética da outridade vêm evidenciar (Harel, 1999, p. 237). O enconto com o "Outro" já não se realiza mediante o conhecimento e reconheciemento da diversidade, mas, antes, por uma interpelação temporária e distanciada do "Outro", silenciado e integrado num projeto comum avalizador e neutralizador dos contrapontos diferenciadores que caracterizam a comunidade que o representa. A experiência da alteridade salvaguarda a ilusão de uma identidade forte e situa-se, nesse sentido, na contramão de sua verdadeira vocação: acolher o absolutamente outro (Derrida, 1987, p. 26-27). Toda a ambivalência do discurso atual sobre a alteridade repousa nesta contradição, que, no caso específico da literatura, exprime-se pela desconexão entre os que falam *do* e *no lugar do* outro (as vozes autorais) e os que permanecem excluídos ou silenciados de suas próprias representações: os estrangeiros, as mulheres, os animais, os portadores de deficiência física ou mental, os homossexuais, os negros, os pobres e os miseráveis.

O presente dossiê retoma este debate voltando-se para a discussão sobre a representação da pobreza na literatura brasileira contemporânea. Busca-se aqui refletir tanto sobre as escolhas temáticas e estratégias estético-discursivas adotadas pelos escritores brasileiros na elaboração da figura do pobre e do miserável, como examinar as posturas éticas e os paradigmas teóricos elaborados nas últimas décadas acerca do discurso da precariedade.

Ivete Lara Camargos Walty abre esta coletânea de ensaios com o artigo "Cinco mulheres: vozes em ricochete", que analisa a função do lixo

enquanto lócus específico de sobrevivência para falas marcadas pela precariedade na obra de Marcelino Freire. Para a crítica, a presença do elemento residual nos contos "Muribeca", "Comadre", "Darluz", "Da Paz" e "Totonha" é concomitante à encenação dos procedimentos de interlocução que, ao incluirem leitor e voz autoral, asseguram a presença de táticas de resistência àquilo que escapa à ordem, mas possibilita a escuta do outro.

Em "Poéticas da precariedade", Maria Zilda Cury retoma esta questão, estabelecendo conexões entre as instalações plásticas de Vik Muniz, o registros fotográficos de Gabriela de Gusmão Pereira e o universo romanesco de Marcelino Freire. Se a dinâmica paródica do escritor desafia as políticas de invisibilidade e o poder das vozes protocolares dos discursos sobre a igualdade social, a ambivalência autoral dos trabalhos de Gabriela Gusmão e Vik Muniz desestabiliza as posições do criador e do receptor. A prática artística problematiza, assim, as relações que se operam entre sistema artístico, mercado produtor e os limites dos processos de representação. Pelo dejeto, vislumbra-se um espaço da alteridade que não somente confere visibilidade aos refugos do mundo globalizado, mas questiona os limites do fazer artístico.

Com tema semelhante a este, o artigo de minha autoria, "O discurso sobre a precariedade em Luiz Ruffato e Arlindo Gonçalves", analisa como a voz autoral nos romances *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, e *Desonrados e outros contos*, de Arlindo Gonçlaves, acolhe para dentro do espaço diegético o detrito e o objeto descaído. Em ambos os romances, o lixo adquire um estatuto de alteridade precisa, que, mediante dispositivos paisagísticos, traduz um desvinculamento entre o sujeito e o objeto, entre a sociedade que se servia deles e o fazer artístico. Tanto no universo plástico de Luiz Ruffato como na urbanidade polifônica de Arlindo Gonçalves, o dejeto constitui o elemento desencadeador do processo de criação artística e de seu fracasso.

O segundo bloco deste conjunto de ensaios foca-se, por sua vez, nas novas formas de textualização da cidade e de suas vozes periféricas. No ensaio "A plenitude de um vazio em que a pobreza não é mais paisagem: a periferia em Paulo Lins e Ferréz", Alva Martínez Teixeiro descreve o valor penetrante da urbe nas obras de Paulo Lins e de Ferréz e como a textura narrativa destes dois autores rompe com a escrita acomodada de um realismo literário desenvolvido em termos nacionais. Apesar de se apoiarem num uma retórica do "fazer ver", que posiciona o leitor numa situação de espectador, as escritas de Ferréz e de Paulo Lins transformam o espaço periférico num lócus ético que busca assegurar à comunidade um

valor de totalidade orgânica, reavaliando, assim, o papel do engajamento intelectual. É neste sentido que Darlan Santos e Jacques Fux analisam os novos caminhos trilhados pela literatura marginal e, em particular, a maneira como os autores marginais abdicam dos pressupostos estéticos e formais das *belles lettres*. No ensaio "Litera-Rua: a cultura da periferia em *Capão Pecado*, de Ferréz", eles perscrutam a variedade de vozes e de linguagens bastardas que, nos textos de Ferréz, asseguram a destabilização dos discuros oficiais, inclusive daqueles voltados ao combate contra as inequidades sociais. Dentro desta perspectiva, Rejane Pivetta de Oliveira e Tiago Pellizaro examinam as relações entre fazer artístico e engajamento social na obra de Alessandro Buzo, cujo protagonismo e cujas intervenções visam a denúncia e a inserção do marginal na esfera da produção artística. Em seu artigo, "Alessandro Buzo e o engajamento literário da periferia", os autores entendem que a visibilidade artístico-textual funciona, em ambos os casos, estrategicamente como instância legitimadora do "eu" e do "outro" excluídos. O último ensaio deste bloco temático, "Narradores da exclusão ou a infância pobre e excluída na literatura brasileira contemporânea", traz à tona uma problemática pouco abordada pela crítica literária nacional: a postura ética adotada pelos contistas brasileiros contemporâneos no processo de representação da criança miserável. A partir de um corpus analítico extenso e variado, Georgina Martins identifica, em Antônio Carlos Viana, Rubens Figueiredo, Marcelino Freire e Eliane Brum, três paradigmas representacionais (a orfandade, o abandono e precariedade) em função dos quais se organizam instâncias narrativas compromissadas com a gravidade das situações expostas que neutralizam os efeitos de banalização obtidos pelos procedimentos catárticos tradicionais.

O debate sobre os limites da representatividade dos grupos subalternos prossegue ao longo do terceiro bloco deste dossiê temático, com trabalhos que se voltam para a análise da cinematografia nacional e de obras marcadas por um nítido hibridismo formal. Num primeiro momento, Mônica Horta Azeredo esmiuça a maneira como as modalidades da docuficção dos filmes *Estamira*, de Marcos Prado (2004), e *No quarto de Vanda*, de Pedro Costa (2000), posiciona realizadores e espectadores num espaço limiar do comprometimento. Para a ensaísta, o projeto de (re)construção da memória cotidiana, silenciada ou destinada ao desaparecimento, é subjacente aos dois trabalhos, que visam menos à captação da voz do outro do que a possibilidade de sua escuta. Em "Realismo e subalternidade na narrativa brasileira contemporânea: o caso de *Tropa de elite*", Vinícius Carneiro examina, por sua vez, como este dispositivo é inoperente no

filme *Tropa de elite*. Se no cinema, tradicionalmente, o recurso à voz em *off* permite contornar problemas da narrativa, enxertando informações em ações que poderiam ter sido entrelaçadas pelo roteiro, em *Tropa de elite*, a voz em *off* tende a silenciar as diferentes subalternidades encenadas: o subordinado, o jovem, a mulher, o afrodescendente etc. A voz em *off* proléptica ratifica e justifica as decisões do Capitão que, segundo o crítico, apresenta e representa a família, os companheiros do batalhão, a classe média e o conjunto dos moradores pobres da favela. Por fim, Fernanda Valim Côrtes Miguel, em "Verdade, ficção e memórias da violência na narrativa de Valêncio Xavier", volta-se para o trabalho experimental do escritor, cineasta, roteirista e diretor paulistano Valêncio Xavier, cujo projeto literário se constitui na tensão estabelecida entre o fazer literário, a reciclagem e manipulação dos discursos formadores de práticas sociais. Em seu artigo, Fernanda Valim Côrtes Miguel demonstra como a escrita de Valêncio Xavier rompe com os limites seguros e aceitáveis da literatura tradicional. Ao superpor textos jornalísticos, ficção, fotografias e relatos autobiográficos, o escritor opera um estreitamento tênue com o caráter real do cotidiano. Ele posiciona o leitor num espaço limiar do desconforto, o que, segundo a crítica, assegura a emergência de leituras abertas e processuais de sua obra literária.

Os dois últimos ensaios que completam este dossiê propõem um mergulho diacrônico na reflexão sobre a representação da pobreza na literatura brasileira. O primeiro, "Pobreza por subtração: *A festa*, de Ivan Ângelo", debruça-se sobre o romance *A festa*, de Ivan Ângelo, que, publicado em 1976, antecede, segundo Frans Weiser, as reflexões teóricas de Roberto Schwarz acerca dos silenciamentos do subalterno na teorização da cultura brasileira. Nesse romance, o autor elimina estrategicamente a presença do subalterno de seu enredo, interrogando, desse modo, os limites dos discursos oficiais relativos à inclusão e à exclusão social. Pela negação da linguagem dos pobres e pela crítica da linguagem burocrática e acadêmica sobre os pobres, o romance revela-se, segundo o crítico, um exemplo pujante de uma literatura da pobreza também por subtração. Sob um enfoque semelhante a este, Ivana Ferrante Rebello aborda, em "Sobre restaurar fios: reflexões sobre a pobreza em *A hora da estrela*", a deficiênca da linguagem em Clarice Lispector. Falta e carência constituem, segundo ela, os principais artifícios do enredo de *A hora da estrela*, que se apoia numa sutil ironia, provocada pelo distanciamento da instância narrativa. Para além de denunciar as falácias dos discursos oficiais sobre a penúria que, durante décadas, determinaram as relações da alteridade no país (democracia racial, cordialidade, sincretismo, mestiçagem etc), esta

estratégia discursiva viabiliza, segundo a crítica, a emergência da experiência da alteridade dentro do romance. O encontro com o outro realiza-se, assim, no espaço limite de desamparo e da precariedade em que se situam personagem e voz autoral, que, por meio de uma fala humildemente simples, recusa os estardalhaços de sua própria humildade e torna-se apta a desvendar as fracas aventuras, a delicadeza e a vaga existência de uma moça situada numa cidade toda feita contra ela (Lispector, 1984, p. 21).

Paris, 4 de abril de 2013.

Referências

DERRIDA, Jacques (1987). *Psyché*. Inventions de l'autre. Paris: Galilée.
HAREL, Simon (1999). *Le voleurs de parcours. Montréal*: XYZ Éditeur.
LISPECTOR, Clarice (1984). *A hora da estrela*. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
OUELLET, Pierre (2007). "Le principe d'laltérité". In: OUELLET, Pierre; HAREL, Simon (Org.). *Quel autre?* L'altérité en question. Montréal: VLB Éditeur.